

## JUVENTUDES CATÓLICAS:

### NEGOCIAÇÕES ENTRE ALINHAMENTO INSTITUCIONAL E AS “ESCOLHAS PRÓPRIAS”

Regina Novaes<sup>1</sup>

#### Resumo

Componente fundante da cultura brasileira, o catolicismo vive um cenário historicamente hegemônico. Porém, além das possibilidades da autodeclaração de ‘praticante’ ou ‘não praticante’, outras caracterizações e tendências aglutinadoras de jovens se fazem presentes como a tradicionalista, modernizadora-conservadora, reformista e radical. Para compreender o campo religioso brasileiro, nos perguntamos se estas caracterizações dão conta das vivências de jovens católicos/os dessa geração. Sem nenhuma pretensão de apresentar respostas conclusivas para tais questões, o presente artigo – baseado principalmente em pesquisa bibliográfica – apresenta trajetórias de três jovens que se movimentam no interior do chamado “mundo católico”. Seu objetivo é contribuir para a reflexão sobre disputas, percursos, vivências e (re) escolhas que compõem o catolicismo de hoje.

#### Palavras-chave

Catolicismos – juventudes católicas – campo religioso brasileiro – catolicismo hoje

#### Introdução

O catolicismo é um componente fundante da cultura brasileira. Rituais de passagem, datas festivas e espaços de devoções marcam o calendário oficial e historicamente estão presentes na ocupação do território. Ao mesmo tempo, nesse cenário historicamente hegemônico, convivem muitos os catolicismos.

De maneira geral, considera-se “católicos não praticantes” aqueles/as que foram batizados, casam-se na Igreja, participam de cerimônias fúnebres, circulam por espaços festivos e, muitas vezes, têm santos de devoção. Já “ser praticante” pressupõe também frequência regular às missas, confissão e comunhão e demais sacramentos e, muitas vezes, participar de diferentes grupos, associações e irmandades que aglutinam leigos católicos.

Além disso, na literatura disponível, encontramos um continuum que posiciona católicos como mais “progressistas” ou mais “conservadoras”. Referindo-se à Igreja Católica, Michael Löwy (2016) identificou: um pequeno grupo “fundamentalista”; uma poderosa corrente “conservadora e tradicionalista”; uma corrente “reformista e moderada” e, por fim, “uma minoria pequena - mas influente - de radicais”.

No que diz respeito à juventude, sob o “grande guarda - chuvas em que se constitui o catolicismo”, Carranza e Sofiati (2018) identificaram quatro tendências aglutinadoras de jovens, a saber: *tradicionalista* (por ex: Opus Dei, TFP, Arautos do Evangelho); *modernizadora-*

<sup>1</sup> Regina Novaes possui graduação em Ciências Sociais pela UFRJ, mestrado em Antropologia [Social](#) pela UFRJ e doutorado em Ciências Humanas pela USP. Lecionou na PUC-Rio e na Universidade Federal da Paraíba. Desde 1988 tornou-se professora do programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS, UFRJ. Foi Secretária Nacional da ABA (Associação Nacional de Antropologia), Presidente do ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião) e do IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sócio-econômicas). Atualmente é professora visitante na UNIRIO, no programa de pós-graduação em Educação.



*conservadora* (por ex: Renovação Carismática, *Comunidades de Vida e Aliança*; *Canção Nova*; *Toca de Assis*); *Reformista* (dominante em congregações que trabalham com educação, tais como Lassalistas, Maristas e Salesianos) e *Radical* (presente em setores ligados à Teologia da Libertação, Comunidades Eclesiais de Base, Pastorais da Juventude).

Tais caracterizações têm sido úteis para compreender o campo religioso brasileiro e, nesse sentido, não suscitam questionamentos. No entanto, cabe perguntar se elas dão conta das vivências (virtuais e presenciais) de jovens católicos/as dessa geração. Ou seja, levando em conta a significativa diminuição do catolicismo no país nas últimas décadas, bem como considerando a diminuição da transmissão intergeracional da religião, podemos perguntar: a diferenciação entre católicos “praticantes” ou “não praticantes” ainda tem o mesmo potencial explicativo? Como jovens vivenciam e transitam entre movimentos e grupos classificados como “conservadores” e “progressistas”?

Sem nenhuma pretensão de apresentar respostas conclusivas para tais questões, o presente artigo – baseado principalmente em pesquisa bibliográfica - apresenta trajetórias de três jovens que se movimentam no interior do chamado “mundo católico”. Seu objetivo é contribuir para a reflexão sobre disputas, percursos, vivências e (re) escolhas que compõem o catolicismo de hoje.

### **A trajetória de Ana: tensões entre se assumir antirracista e se reafirmar católica.**

Rachel Gabriel (2020), em sua dissertação de Mestrado, que tratou da “influência da socialização religiosa nas trajetórias e projeto de vida de jovens”, nos brinda com um conjunto de entrevistas com jovens frequentadores do Anchietanum (um centro de juventude considerado “progressista”, mantido por jesuítas na cidade de São Paulo).

Ana é uma de suas entrevistadas, ela é negra e assistente social. Vejamos alguns trechos de sua entrevista:

(...) Uma época eu participei da Renovação Carismática, quando eu tinha uns 14 anos. E daí tudo era pecado. Tudo era errado. Uma vez fui a um grupo de oração que falaram que as benzederiras eram do diabo. Assim, que não eram de Deus. Aí foi minha crise maior. Ué, mas minha avó era benzedeira, ela era tão boa... Ela me ensinou a rezar. Aí eu parei de ir com tanta frequência para a Renovação. Aí depois eu fiz a Crisma (...) Depois eu comecei a participar de um grupo em São Judas (bairro de São Paulo), que chama Missão Dehoniana Juvenil (...) falava desse Cristo que é com os pobres. Era uma espiritualidade mais libertadora, apesar de ter alguns enquadramentos. A gente fazia visitas nas casas das comunidades mais pobres (...) Então, falava desse Cristo que aceita você como você é, com sua cultura (...) e eu não precisava esconder, por exemplo, que minha avó benzia, que eu fazia isso também. Mas depois eu comecei a participar da missa afro (...). Esse aqui é o anel de Tucum, né? Todo dia de manhã, eu peço para não esquecer meu compromisso com os pobres e oprimidos.

Segundo explica Ana, o anel feito com uma árvore (Tucum) remete aos escravos que não podiam comprar alianças e foi “revisitado” pela Teologia da Libertação tornando-se um símbolo de “compromisso com os pobres”. Porém, depois que assumiu sua identidade racial, outras

tensões foram vivenciadas por Ana. Ela conta o que ocorreu em um espaço inter-religioso antirracista, onde se apresentou como negra e católica:

“Fui muito malhada. Disseram: ‘como você pode falar que é cristã, que é católica, que vai à missa, com tudo que a Igreja fez com o povo negro. Você não sente vergonha?’ E daí eu fiquei muito mal com aquilo (...) Fiquei muito mal e, no final, eu falava: ‘olha não é porque eu sou negra que eu tenho que ter um enquadramento, que eu tenho que ser do Candomblé, da Umbanda, usar determinada roupa... porque a minha construção como mulher negra se fez na diáspora’”(Gabriel, 2020).

Ana prossegue sua narrativa dizendo que tem amigas negras que são budistas, evangélicas, espíritas. Diz que tem “criticidade”: sabe que a Igreja Católica contribuiu para a escravidão. Respeita sua ancestralidade, mas é cristã. Ao falar sobre sua experiência (que inclui um grupo da Renovação Carismática e outro da Missão Dehoniana), ela se moveu em um campo de possibilidades que se apresentou para jovens de sua geração, posição social e local de moradia. Hoje está vivenciando as novas tensões que surgem entre sua religião e sua “construção como mulher negra”.

#### **A trajetória de Marlon: pontos de partida e de chegada no interior da Igreja Católica.**

Marlon também foi entrevistado por Rachel Gabriel (2020). Ele é negro, tem 23 anos, chama atenção pelos dreads no cabelo. Diz que “religião” de seu pai era a “música” e que sua mãe frequentou várias igrejas evangélicas. Nessa família plurirreligiosa, foi por influência de sua irmã mais velha que começou a frequentar “grupos de jovens” da igreja católica de seu bairro. No final do ano, frequentava a Canção Nova. Mais tarde começou a frequentar a Assembleia de Deus, igreja de sua namorada. De onde, depois de um tempo, se afastou, como explica:

[...] a Igreja Católica tinha outra pegada, era diferente da dinâmica que o pessoal da Assembleia de Deus tem. Eu não conseguia me concentrar para fazer minhas orações pessoais. Eu me sentia mal. E esse era um problema no relacionamento. Porque a minha ex-namorada meio que queria que eu passasse para o outro lado, que eu tomasse a atitude de me apresentar para o pastor da igreja que ela frequentava lá. Mas aí não deu. (...) Era um amor, assim, de juventude e que me marcou bastante. Eu o carreguei até hoje. Durou dois anos. Até 2014. Comecei a namorar com ela em 2012. Em 2014, a gente: “Não dá mais não, cara. Eu quero voltar para a Igreja” (Católica)

Novamente por influência da irmã mais velha, voltou a frequentar a Igreja do bairro. Depois de um tempo, buscando atender suas demandas de espiritualidade, aproximou-se do Anchieta. Cada vez mais se identificando com os módulos dos “Exercícios Espirituais para Jovens”, tentou levar um pouco de experiência para seu grupo de jovens local.

“Tentei algumas experiências da catequese narrativa para o grupo de jovens. Nosso grupo de jovens era um grupo de jovens muito fechado no bairro. Ele não se comunicava com grupos de jovens alheios que tinham, sei lá, uma relação com a Pastoral da Juventude, com lideranças juvenis. Era um grupo de jovens bem religioso e bem interno ali. O que a gente fazia mesmo era ir para a Canção Nova no PHN no final do ano e, de vez em quando, a gente fazia uns trabalhos voluntários pelo bairro mesmo”.

Interessante notar que, durante um tempo, Marlon frequentava simultaneamente espaços da Igreja Católica geralmente separados na classificação “progressistas” e “conservadores” e não se relacionava com a Pastoral da Juventude. De fato, foi na Universidade que ele se aproximou da questão racial e assumiu sua negritude.

“Eu consegui me identificar e é uma vivência cara. Lá, eles tinham o coletivo. Um coletivo...Não era um coletivo. Eles não gostavam dessa denominação de “coletivo afro”. Falavam que era uma “organização afro” para não levar o nome da faculdade. Mas [eu ia a](#) todos os eventos que eles propiciavam.”

Ou seja, foi a partir de uma vivência antirracista na universidade que Marlon foi se aproximando dos valores e espaços de participação social da Igreja Católica. No entanto, na pesquisa realizada por Rachel Gabriel, diferentemente da opinião dos demais participantes, ele se colocou contrário ao aborto. Apesar de dizer “[...] que vai depender da situação”, afirma que - em virtude da criação que teve - não conseguia aceitar o aborto “[...] como uma coisa positiva” (Gabriel, 2020).

Nesse sentido, a trajetória de Marlon nos alerta tanto para a existência de diversos “pontos de partida” entre jovens que frequentam espaços católicos classificados como progressistas, quanto nos alerta para a não homogeneidade de posicionamentos no interior desses espaços.

### **A trajetória de Isaías: tensões entre ser gay e participar da comunhão católica.**

Para refletir um pouco mais sobre conquistas/mudanças e tensões [no interior da igreja Católica](#), vale citar a história de Isaías descrita por Araújo<sup>2</sup> e Souza Melo (2013). Negro, liderança de grupos de oração na Igreja Católica, Isaías diz que se “descobriu gay” aos 24 anos. Os autores analisam a narrativa de Isaías distinguindo quatro momentos distintos.

- No primeiro momento, Isaías fala da sua trajetória enquanto católico, seu pertencimento à Igreja, sua liderança nos grupos de oração.
- Em um segundo momento, ele relata como descobre a sua homossexualidade e começa a vivê-la e por isso, gradativamente, se sente pessoalmente impelido a se afastar de sua vivência católica (tanto da comunhão quanto dos grupos de jovens que liderava).
- Já no terceiro momento, Isaías descreve a difícil busca de outros espaços religiosos para combinar religiosidade e orientação sexual chegando inclusive a frequentar a Igreja da Comunidade Metropolitana (denominação religiosa não católica, “inclusiva”, surgida nos Estados Unidos) que acolhe e valoriza a experiência de gays, lésbicas, bissexuais e pessoas transgêneras.
- No quarto momento, Isaías conta que, após contato virtual, teve um encontro presencial com um membro do grupo Diversidade Católica que, posteriormente, lhe proporcionou vinculação. Foi através desse grupo que ele se sentiu reintegrado à Igreja Católica.

<sup>2</sup> Murilo Araújo, um dos autores do texto, também vivenciou pessoalmente o imbricamento de várias causas e identidades: católico, gay e negro. Ver Novaes (2018).

Segundo os autores (Araújo e Souza Melo: 2013), essa “reunião de apresentação”, acontece porque a maior parte dos interessados faz contato através de e-mail ou redes sociais e o encontro presencial “é para dar segurança e para evitar - na medida do possível - perseguições por parte de pessoas ligadas a movimentos conservadores da Igreja”. A partir daí, participando do grupo Diversidade Católica, Isaias restabelece seu vínculo com a Igreja, e - para sua grande alegria - sente-se legitimado para retomar a participação no sacramento da comunhão, do qual sentia muita falta.

A trajetória de Isaias nos faz refletir sobre a capacidade/incapacidade histórica da Igreja Católica como instituição tem (ou terá) de acolher a diversidade de orientações sexuais. Bem como nos leva a refletir sobre as repercussões de suas interdições (implícitas e/ou explícitas) que causam sofrimento na vida de jovens que não desejam deixar o catolicismo. Ao mesmo tempo, o percurso de Isaias evidencia o papel de novos espaços católicos que - contando com os meios virtuais - se desenvolvem paralelamente à Igreja hierárquica.

#### **Nota final: “sinais dos tempos” na Igreja e na Sociedade.**

Mariz, Mesquita e Araújo (2018), ao analisar respostas de jovens participantes da Jornada Mundial de Juventude que ocorreu no Rio de Janeiro em 2013, chamaram a atenção para processos de (re)conversão ou (re)filiação no interior do próprio catolicismo. Nas três histórias relatadas acima podemos observar movimentos semelhantes.

Ana, com experiência de participação na Renovação Carismática, relata seu processo de “conversão interna” a partir de uma “missa afro” na qual selou seu compromisso “com os pobres e oprimidos”.

Marlon, filho de mãe evangélica, se aproxima do catolicismo de bairro através da irmã mais velha, se afasta durante um período em que namora uma evangélica. Em seguida vive uma refiliação quando procura “exercícios espirituais” em um espaço católico. Paralelamente conhece o movimento negro na Universidade e, depois disso, se aproxima (ou se reconverte?) ao catolicismo da Libertação.

Isaias, ao assumir sua orientação sexual, se afasta da liderança do grupo de jovens e da Igreja local, busca outro espaço de fé cristã fora da Igreja Católica e só depois – por meio de comunicação virtual - se reaproxima do diversificado mundo católico “filiando-se” a um grupo que se define como católico, mas que não faz parte da estrutura hierárquica da Igreja

Em um país onde crescem os evangélicos e os “sem religião” e em um contexto de declínio numérico do catolicismo, os três não desistem do catolicismo. Para Ana e Marlon, que circularam por movimentos considerados tradicionais ou conservadores, o espaço progressista Anchieta num foi um ponto de chegada. Para Isaias o grupo Diversidade Católica funcionou como um ponto de chegada. Encontram justificativas emocionais e racionais para permanecer por “escolha própria” ou “decisão pessoal” (Mariz, Mesquita e Araújo, 2018).

Contudo, esse mesmo “ponto de (re) chegada” não anula histórias anteriores e nem tem o poder de evitar novas tensões não só entre as chamadas correntes conservadores e progressistas, mas, também, entre os que se reconhecem como progressistas. Considerando o debate público atual que perpassa Igreja e Sociedade, vale destacar três temas geradores tensões e polêmicas, a saber: a) criminalização/descriminalização do aborto; b) reconhecimento da diversidade de orientação sexual e identidade de gênero e c) negação/combate do racismo. Vejamos as especificidades de cada tema.

A questão do aborto é a que tem menor potencial de produzir consenso entre jovens católicos/as. Ainda que, sobretudo nas redes sociais, existam jovens que não se auto excluem do mundo católico<sup>3</sup> e se posicionam contra a criminalização do aborto, de maneira geral, posicionar-se “contra o aborto” aproxima jovens católicos/as que se distanciam em outros temas teológicos e políticos, como vimos no caso de Marlon.

Já no que diz respeito à diversidade de orientação sexual e/ou identidade de gênero (LGBTI+), se na instituição Igreja Católica não há condenações, ameaças e punições explícitas, também não há aceitação e acolhimento. Movendo-se nesse cenário, ao se assumir “gay”, Isaias se afastou do grupo de jovens e concluiu que não poderia comungar. No entanto, a partir da internet, identificou uma modalidade de agregação religiosa que tornou possível “ser gay e ser católico/a praticante” (nas redes e nas paróquias). O tema continua gerando desconforto e, estrategicamente, tem sido muitas vezes silenciado mesmo em espaços progressistas.

E o que dizer do racismo? Legislações e posicionamentos antirracistas ganharam espaço na sociedade e na Igreja Católica. Sentimentos antirracistas têm tido peso importante nas trajetórias de jovens católicos/as, como aconteceu com Ana e Marlon. É verdade, como relatou Ana, que a histórica convivência da Igreja Católica com a escravidão continua produzindo tensões. Mas, em comparação com questões em torno do aborto e da população LGBTI+, é o “combate ao racismo” que tem maior potencial para produzir novos diálogos e vivências do catolicismo entre jovens.

Ou seja, os/as jovens de hoje se movimentam em um mundo em constante transformação e, muitas vezes, combinam elementos de vertentes consideradas antagônicas na Igreja e na sociedade. É verdade que existem jovens católicos/as que se auto atribuem “maior espiritualidade” e - por se declarar sua contraposição à descriminalização do aborto e às chamadas “pautas identitárias” - estão mais próximos de uma vertente considerada “conservadora” (onde se destaca a Renovação Carismática). É verdade que também existem jovens católicos/as que - em conexão, com pautas dos movimentos sociais rurais e urbanos - defendem causas identitárias, posicionam-se contra visões punitivistas em relação ao aborto, a favor da justiça social e, por isso mesmo,

---

<sup>3</sup> Por exemplo, está disponível na internet um vídeo do canal Muro Pequeno (youtube), no qual Murilo Araújo e uma militante do grupo *Católicas pelo Direito de Decidir*, se posicionam publicamente a favor da descriminalização do aborto, contrapondo-se publicamente às posições oficiais da Igreja Católica, ver Novaes (2018).



são caracterizados/as como “progressistas” (com destaque para as Pastorais da Juventude). Mas, tal caracterização não dá conta de tudo o que se passa na juventude, na sociedade e na Igreja.

Para além do controle e das fronteiras institucionais, mais do que nunca é importante olhar para as trajetórias juvenis que se fazem, se desfazem e se refazem simultaneamente no “mundo católico” e na sociedade. As experiências de segmentos das juventudes católicas, com suas desigualdades e diversidades - podem contribuir para a renovação do catolicismo do século XXI.

Percursos inéditos, (re)conversões, (re)filiações estão produzindo novas modalidades de pertencimento religioso que nem sempre cabem na usual classificação praticante/não praticante. De fato, na confluência entre vivências religiosas presenciais e virtuais, estão dadas novas possibilidades para transformar as novas tensões em abertura para o diálogo entre pessoas, grupos e instituições.

Com essa perspectiva, para uma parcela da atual geração de jovens, o “repúdio ao racismo” parece ter se tornado um precioso denominador comum que oferece a possibilidade de produzir uma urgente convergência mesmo entre divergentes. Uma certa unidade com valorização da diversidade. Enfim, conversar sobre racismo pode ser um bom começo para redesenhar as correntes no interior da Igreja Católica no Brasil. Sinais dos tempos, na Igreja e na sociedade.

#### QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. Quais os pontos que se destacaram para você nas experiências e vivências relatadas neste artigo?
2. Como podemos compreender hoje os processos de vivência no ‘mundo católico’ em sua pluralidade e diversidade?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, M e SOUZA MELO, M. **“E o que eu pregava, eu estava vivendo”: identidade social e identidade discursiva na narrativa de vida de um católico gay.** Revista Jangada. Crítica/Literatura/Arte. Número1, 2013

CARRANZA, B.; SOFIATI, F. Culturas juvenis católicas: aproximações teóricas às performances institucionalizadas. In: **Interseções**. Rio de Janeiro: UERJ, v.20, n.2, 2019

GABRIEL, R. O. **“Para além da curva da estrada”: a influência da socialização religiosa nas trajetórias e projetos de vida de jovens.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2020

LÖWY, M. **O que é cristianismo da libertação: religião e política na América Latina.** São Paulo: Editora Perseu Abramo/Expressão Popular, 2016

NOVAES, R. Juventude e Religião, sinais do Tempo Experimentado. In: **Interseções**, Rio de Janeiro: UERJ, v.20.n 2, 2018.

MARIZ, C; MESQUITA W; ARAÚJO, M.P. (2018) Jovens católicos brasileiros: presentes e ativos em sua igreja. In: **Interseções**. Rio de Janeiro: UERJ, v.20, n.2, 2018

MOSCOVICI, S. **Psicologia das minorias ativas- Repositório de Informações.** Petrópolis: Vozes, 2011